



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #20



MAIO DE 2018 | PALESTRA COM ANTONIO DE AGUIAR PATRIOTA

Tendências Geopolíticas do Início do Século XXI

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

www.cebri.org

EQUIPE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Gerente Geral: **Luciana Gama Muniz** | Superintendente de Projetos: **Renata Dalaqua** | Coordenadora Administrativa: **Fernanda Sancier** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Giselle Galdi** | Coordenadora de Relações Institucionais: **Barbara Brant** | Assistentes: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior; Gabriel Torres; Teresa Rossi** | Estagiários: **Danielle Batista; Evandro Osuna; Luiz Gustavo Carlos; Mônica Pereira; Nathália Miranda Diniz Neves; Thais Barbosa** | Consultores: **Gina Leal; Cintia Hoskinson** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044
Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org

No dia 04 de maio, o Embaixador Antonio de Aguiar Patriota esteve no Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), no Rio de Janeiro, onde proferiu a palestra Tendências Geopolíticas do Início do Século XXI. Na ocasião, Patriota analisou o momento geopolítico atual, caracterizado pela transição de uma ordem unipolar, centrada nos Estados Unidos, para uma multipolaridade ainda em definição.

Na visão de Patriota, é fundamental que a transição para a multipolaridade seja acompanhada de um debate multipolar. Por isso, em sua exposição sobre o tema, o Embaixador buscou apresentar uma perspectiva brasileira a respeito da presente configuração internacional e promover uma reflexão sobre o papel do Brasil na transição para a nova ordem mundial.

A conferência do diplomata foi precedida pelo discurso de abertura de José Pio Borges, Presidente do Conselho Curador do CEBRI, e seguida por comentários de Anna Jaguaribe, Conselheira do CEBRI e Diretora do Instituto de Estudos Brasil-China (IBRACH). Ao final das exposições, houve um debate mediado pelo Embaixador Gelson Fonseca, Conselheiro do CEBRI.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao Embaixador Antonio de Aguiar Patriota, a Anna Jaguaribe, ao Embaixador Gelson Fonseca, e a José Pio Borges, bem como aos conselheiros, associados e público presentes ao evento.

MAIO DE 2018 | PALESTRA COM ANTONIO DE AGUIAR PATRIOTA

Tendências Geopolíticas do Início do Século XXI

Embaixador do Brasil na Itália, em Malta e em San Marino, Antonio de Aguiar Patriota já ocupou diversas posições de destaque ao longo de sua carreira como diplomata. Foi Embaixador nos Estados Unidos (2007-2009), Ministro das Relações Exteriores (2011-2013), Representante Permanente junto às Nações Unidas (2013-2016), entre outros cargos. Concomitantemente à sua atuação diplomática, Patriota também se dedica a refletir, analisar e escrever sobre o cenário geopolítico internacional. Um de seus artigos, “Is the world ready for cooperative multipolarity?”, publicado em 2017, serviu de base para a palestra que o Embaixador proferiu no CEBRI.

Lançando um olhar histórico sobre os cenários geopolíticos do passado, Patriota considera que o momento pós-napoleônico representou uma configuração multipolar, com formas inovadoras de cooperação entre as nações. Já a Guerra Fria foi marcada pela bipolaridade de dois grandes rivais e o período que se seguiu à queda do Muro de Berlim se caracterizou pela unipolaridade, com a predominância dos Estados Unidos. Essa descrição, contudo, já não corresponde mais à realidade. Segundo Patriota, existe um consenso de que o mundo está passando por uma transição geopolítica em direção a uma ordem multipolar. Todavia, ainda há muitas questões em aberto sobre a transição. Quais são as suas principais características? Qual o papel da cooperação internacional nessa transição da polaridade? Qual a perspectiva brasileira sobre esse momento geopolítico?

O momento geopolítico atual

Patriota elenca episódios que indicam o fim do período unipolar e a transição para a multipolaridade. De acordo com o Embaixador, a Guerra do Iraque, iniciada em 2003, a crise financeira de 2008 e os acontecimentos dos últimos anos – tais como a eleição de Donald Trump, a adoção de medidas protecionistas pelos EUA e sua saída do Acordo de Parceria Transpacífico (TPP) – levaram a um relativo declínio dos Estados Unidos no cenário internacional. Além disso, o crescimento econômico e o intenso ritmo de desenvolvimento tecnológico da China causaram alterações na

configuração de poder. A dinâmica que essas duas potências estabelecerão entre si é, ainda, uma incógnita – uma das peças mais importantes para entender o quebra-cabeça da nova ordem multipolar.

Patriota constata uma resistência à transição geopolítica nos Estados Unidos. Para o Embaixador, o slogan “Make America Great Again” e o nacionalismo exacerbado que tem sido observado no país refletem uma nostalgia do momento unipolar e uma dificuldade em aceitar a multipolaridade e, principalmente, a ascensão chinesa.

Apesar do avanço da China, Patriota não considera que o país asiático se firmará como um novo poder hegemônico. Como notou Anna Jaguaribe, Conselheira do CEBRI, a China propõe que é possível ser um país regional com projeção global sem, necessariamente, levar adiante uma política hegemônica.

CONTEÚDO RECOMENDADO

China x EUA

Nesta matéria, o The New York Times apresenta dois livros (Everything Under the Heavens, de Howard W. French e Destined for War, de Graham Allison) que analisam a geopolítica mundial a partir da ascensão chinesa e da crescente tensão entre China e EUA

America's Collision Course with China



<https://goo.gl/qIWpsT>

Para entender a ordem geopolítica atual, Patriota afirma que é preciso considerar a China e os Estados Unidos como elementos de uma equação na qual também estão presentes vários outros países relevantes no nível global. A este grupo de países, que inclui o Brasil, não interessa alinhar-se exclusivamente à China ou aos Estados Unidos. Assim, frente à relutância dos demais países em optar pelos Estados Unidos ou pela China, Patriota não acredita ser possível a ascensão de uma nova hegemonia ou de um grupo hegemônico no futuro próximo.

O imperativo da cooperação internacional na atual transição geopolítica

A transição geopolítica atual é, portanto, uma transição de um momento unipolar para uma multipolaridade. Entretanto, ela difere das transições anteriores por suas características únicas. A escala dos desafios que o mundo enfrenta hoje indica que os mesmos não poderão ser superados sem que haja cooperação entre os países. Como exemplo de tais desafios, Patriota cita a mudança do clima e os grupos terroristas, como o Estado Islâmico

no Iraque e na Síria (ISIS). Na visão do diplomata, estes são elementos aglutinadores, que justificam a concertação de ações globais. O Embaixador, porém, tem dúvidas se esses fatores serão suficientes para que a ideia de cooperação se imponha na transição para a multipolaridade.

Com relação aos mecanismos de governança da cooperação internacional, Patriota destaca aspectos positivos, como a evolução do G7 para o G20, vista como uma demonstração da preocupação com a inclusão. Do mesmo modo, a discussão sobre a reforma de cotas no Fundo Monetário Internacional (FMI) e no Banco Mundial (BM) pode levar à redução das assimetrias no direito ao voto nas instituições financeiras internacionais. Apesar desses avanços, Patriota também observa a persistência de desigualdades nas estruturas de governança, como a falta de reforma no Conselho de Segurança da ONU. Outro ponto que denota a estagnação das estruturas de governança é o fato de que os altos cargos de organismos internacionais, como os Presidentes do Banco Mundial e do FMI e os Subsecretários da ONU, continuam monopolizados por representantes norte-americanos e europeus.

Sobre a matéria da cooperação internacional, o Embaixador destaca três grandes pilares: desenvolvimento; direitos humanos; e paz e segurança. No tocante ao desenvolvimento, Patriota acredita que a cooperação gerou um movimento à altura dos desafios que o mundo enfrenta hoje, com a elaboração da Agenda 2030 e a adoção dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Na área de direitos humanos, também é possível elencar elementos positivos, como o fato de, em 2006, a ONU ter reformulado o órgão responsável pelo tema, com a criação do Conselho de Direitos Humanos. A Revisão Periódica Universal conduzida por tal Conselho também é vista com bons olhos por Patriota, uma vez que as suas avaliações abarcam todos os Estados-membros da ONU.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Multipolaridade e cooperação

Em artigo publicado em maio de 2017, o Embaixador Antonio de Aguiar Patriota abordou as mudanças geopolíticas pelas quais o mundo está passando e refletiu sobre o papel da cooperação na transição para um mundo multipolar

Is the World Ready for Cooperative Multipolarity?



<https://goo.gl/CBleB6>

Já a área de paz e segurança é onde a cooperação tem tido menor progresso. A persistência da guerra na Síria, a falta de solução à vista para as disputas entre Israel e Palestina, os conflitos no Iraque, no Iêmen e na Líbia são exemplos disso. Um dos fatores que dificulta a cooperação diz respeito às divergências entre Estados Unidos, Rússia e China sobre o papel de cada um desses três países na ordem internacional. Assim, um grande desafio das Nações Unidas é perceber a importância para a agenda de segurança internacional de se discutir a relação entre Washington, Moscou e Pequim.

Qual o papel do Brasil no cenário internacional?

Nesse cenário de transição geopolítica, Patriota considera ser fundamental refletir sobre o papel que o Brasil deve desempenhar. O diplomata ressalta aspectos fundamentais da posição brasileira no cenário internacional. O Brasil é um país sem inimigos, possui relações diplomáticas com todos os países do mundo e tem interesse em contribuir

para o aprimoramento da cooperação internacional. Patriota afirma que o Brasil pode ser considerado um dos atores mais responsáveis da comunidade internacional, pois não interfere em questões nacionais de outros países e respeita as resoluções do Conselho de Segurança da ONU.

De fato, o Brasil tem um currículo com propostas originais bem sucedidas em inúmeras áreas. O Embaixador cita como exemplos as questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável, o direito à privacidade na era digital, a reorientação da proteção de civis em área de conflito (“responsabilidade ao proteger”) e o tratado de proibição de armas nucleares aprovado na ONU em 2017.

Apesar disso, não existe um consenso no Brasil sobre o tipo de perfil que o país deve adotar nas relações internacionais. Uma escola de pensamento considera que o país deve se concentrar mais na

CONTEÚDO RECOMENDADO

O papel do Brasil no mundo

Para o Embaixador Rubens Barbosa, o Brasil precisa encontrar a sua voz e seu papel no mundo, que sejam compatíveis com o papel de uma das dez maiores economias mundiais.

Brasil precisa definir o que quer de sua política externa, diz embaixador



<https://goo.gl/GPKsHu>

agenda econômica de atração de investimentos, de abertura de mercados, de defesa de interesses comerciais, com alguma ênfase na política regional, na presença em organismos multilaterais, mas com uma incursão muito circunstancial e menor no tema de paz e segurança internacional.

Já outra corrente de pensamento considera que não há motivo para o Brasil se especializar em uma única área, pois o país possui a capacidade de atuar em todas as áreas. Esta é a opinião sustentada por Patriota, para quem “não há por que se especializar só num grupo de instrumentos da orquestra, o Brasil é o tipo de país que pode tocar todos os instrumentos”.

O diplomata acredita que é possível o Brasil expandir sua participação no cenário internacional, mas é preciso que exista vontade política para o país liderar iniciativas e participar de coalizões em todos os grandes temas da realidade internacional. Para Patriota, essa dificuldade do Brasil de identificar o seu próprio perfil é uma fraqueza que precisa ser superada através do debate não ideológico, com exemplos e de forma pragmática.

Em sua reflexão final, o Embaixador ressalta que a ordem mundial vigente requer adaptação. A ordem mundial não é mais controlada pelos Estados Unidos e pela Europa Ocidental, ela pertence aos inúmeros países que a respeitam, que obedecem aos seus preceitos e que ajudaram a legitimá-la. Nesse sentido, o Brasil deve reivindicar a propriedade dessa ordem, junto com coalizões de países que compartilhem visões semelhantes sobre a transição geopolítica. Embora o país seja capaz de fazer a diferença sozinho, Patriota ressalta a importância de o Brasil se associar a coalizões e assumir responsabilidade na adaptação dos mecanismos de governança global.

“

Essa transição é particularmente curiosa. Falar qualquer coisa sobre ela é um pouco navegar num mar de névoas, porque as coisas não estão nítidas. Os poderes fortes continuam tendo armas fortes, enquanto os poderes ascendentes negam ter ambições hegemônicas”

- Anna Jaguaribe

“

Um mundo bipolar, como foi na Guerra Fria, não parece estar tampouco no horizonte. Existe uma série de outros atores que estão adquirindo muito mais relevância do que atores terceiros detinham durante o período da Guerra Fria. Isso também faz esse momento particularmente interessante”

- Embaixador Antonio de Aguiar Patriota

“

É possível dizer que o Brasil no século XXI pela primeira vez é um país de influência global, em função da sua presença por intermédio de embaixadas no mundo inteiro, em função da relação diplomática, que hoje em dia é estabelecida com todos os países do mundo (...) e em função, também, do acúmulo de experiência que não é negligenciável em inúmeras situações e fóruns”

- Embaixador Antonio de Aguiar Patriota



Biografias

Anna Jaguaribe

Conselheira do CEBRI, a Professora Jaguaribe é Diretora do Instituto de Estudos Brasil-China (IBRACH). É Professora Visitante do Programa de Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Anteriormente, trabalhou nas Nações Unidas em Nova York e foi consultora da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) em Genebra. Viveu e pesquisou na China e na Itália durante vários anos. A Professora Jaguaribe recebeu diploma de bacharel em Psicologia e Ciências Sociais da Universidade Brandeis, mestrado e PhD em Sociologia da Universidade de Nova York e efetuou trabalho de pós-graduação na École Pratique de Hautes Études em Paris.

Antonio de Aguiar Patriota

Antonio de Aguiar Patriota é Embaixador do Brasil na Itália, em Malta e em San Marino desde agosto de 2016. Anteriormente, entre 2013 e 2016, foi Representante Permanente do Brasil junto às Nações Unidas, período em que presidiu as 61ª e 62ª Sessões do Comitê sobre a Situação da Mulher e a Comissão de Consolidação da Paz (2013-2014). Foi Ministro das Relações Exteriores (2011-2013), Secretário-Geral das Relações Exteriores (2009-2010), e Embaixador do Brasil nos Estados Unidos (2007-2009). Durante sua carreira diplomática, serviu duas vezes em Genebra (1983-1987 e 1999-2003) e em Nova York (1994-1999), Pequim (1987-1988) e Caracas (1988-1990). Formou-se pelo Instituto Rio Branco, a academia diplomática brasileira, em 1979, após ter estudado filosofia na Universidade de Genebra. Foi agraciado com um Doutorado Honorário em Serviço Público pela Chatham University em 2008. Entre suas obras publicadas estão a tese para o Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, intitulada "O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a articulação de um novo paradigma de segurança coletiva" e dois volumes de "Discursos, artigos e entrevistas" de sua gestão à frente do Ministério das Relações Exteriores.

Gelson Fonseca Jr.

Conselheiro do CEBRI, o Embaixador Fonseca é Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD) da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), que foi previamente presidida pelo Embaixador, sendo que a FUNAG é órgão vinculado ao Ministério das Relações Exteriores. Serviu como Embaixador nas Nações Unidas em Nova York, no Chile, e como Cônsul-Geral em Madrid e no Porto. No Ministério, sua mais recente posição foi Inspetor-Geral do Serviço Exterior. Foi Professor de História Diplomática na Universidade de Brasília (UnB), Professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e de Teoria das Relações Internacionais no Instituto Rio Branco. O Embaixador Fonseca recebeu diploma de bacharel em Direito da Universidade do Estado da Guanabara (atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a UERJ) e mestrado em Estudos Latino-Americanos da Universidade de Georgetown.

José Pio Borges

Presidente do Conselho Curador do CEBRI, o Sr. Pio Borges é Sócio-Gerente da RJX Investimentos. Serviu como Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), onde exerceu numerosas posições através dos anos. Foi também CEO da Pronor Petroquímica, Diretor do BBM- Banco da Bahia Investimentos S.A, e Diretor da Violy, Byorum & Co. É atualmente membro do Conselho de Administração da Captalys Investimentos e Diretor da Casa Stefan Zweig em Petrópolis. O Sr. Pio Borges recebeu diploma de bacharel em Engenharia Mecânica e mestrado em Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e concluiu mestrado em Economia na New School for Social Research em Nova York.

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Conselheiros

Aldo Rebelo

André Clark

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

José Roberto C. Neves

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida
Braga

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Mantenedores



Patrocinadores



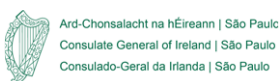
Apoio



Associados Estrangeiros



Associados Diplomáticos



Sócios Individuais

Adriano Abdo
Aleksander Medvedovsky
Álvaro Augusto Dias Monteiro
Álvaro Otero
Arminio Fraga
Carlos Eduardo Ernanny
Carlos Leoni de Siqueira
Carlos Mariani Bittencourt
Celso Lafer
Christiane Aché
Claudine Bichara
Daniel Klabin
Décio Oddone
Eduardo Marinho Christoph
Eduardo Prisco Paraíso Ramos
Evangelina Seiler
Fernando Bodstein

Fernando Cariola Travassos
Fernão Bracher
Frederico Axel Lundgren
Gilberto Prado
Henrique Rzezinski
Jacques Scvirer
João Felipe Viegas Figueira de Mello
João Roberto Marinho
José Francisco Gouvêa Vieira
Larissa Wachholz
Leonardo Coelho Ribeiro
Manuel Thedim
Marcelo Viera
Marcio João de Andrade Fortes
Maria Pia Mussnich
Mauro Ribeiro Viegas Neto
Mauro Viegas Filho

Paulo Ferracioli
Pedro Brêtas
Pedro Leitão da Cunha
Ricardo Haddad
Ricardo Levisky
Roberto Abdenur
Roberto Amadeu Milani
Roberto Guimarães Martins-Costa
Roberto Pereira de Almeida
Roberto Prisco Paraíso Ramos
Roberto Teixeira da Costa
Stelio Marcos Amarante
Tomas Zinner
Vitor Hallack
Winston Fritsch

Parceiros de Projetos:



Parceiros Institucionais:





CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o think tank de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2018 o terceiro melhor think tank da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org